


Tradução

Carta de Descartes ao Padre Gibieuf (19 de janeiro de 1642)¹

 10.21680/1983-2109.2023v30n61ID31505

Rafael Teruel Coelho

Universidade de São Paulo (USP)
teruel@usp.br

Introdução

Nas linhas que se seguem, encontramos a tradução de uma das cartas escritas por Descartes e endereçadas ao Padre Gibieuf. Trata-se de uma missiva datada de 19 de janeiro de 1642, cujo conteúdo é bastante conhecido entre os intérpretes do pensamento cartesiano, seja do ponto de vista epistêmico, seja sobre seu viés ontológico. Descartes inicia a exposição de determinados pontos de sua doutrina filosófica, especialmente no que diz respeito à sua epistemologia, afirmando com clareza que não podemos possuir “[...] nenhum conhecimento daquilo que me é exterior a não ser por intermédio das ideias

¹ Este trabalho conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº xxxx/xxxxx-x.

que tenho em mim” (AT III 474). Aos nossos olhos, trata-se de uma afirmação que consiste em uma consequência *sine qua non* da separação radical e tipicamente cartesiana entre sujeito e objeto, de modo que o intelecto jamais teria um acesso imediato ao mundo (como seria o caso da alma com relação ao seu próprio conteúdo mental), mas ele o teria por intermédio de suas representações. Nesse sentido, para Descartes, conhecer nada mais é do que conhecer por meio das ideias que temos dos objetos situados no mundo exterior, podendo elas serem adequadas (claras e distintas) ou inadequadas (obscuras e confusas), frutos de uma “abstração do espírito”. Sendo assim, cabe ao intelecto formar juízos claros e distintos acerca do conteúdo mental do qual ele dispõe, considerando apenas as ideias adequadas sobre os objetos do conhecimento, estabelecendo dessa forma uma base segura para a construção do edifício epistêmico.

Ao longo da carta, a discussão epistêmica a que nos referimos cede lugar à exposição de teses ontológicas, cujo conteúdo constitui a marca assaz evidente do cartesianismo: “a razão pela qual creio que a alma pensa sempre é a mesma que me faz acreditar que a luz sempre brilha [...]; e que, em geral, o que constitui a natureza de uma coisa está sempre nela enquanto ela existe” (AT III 478). Descartes refere-se precisamente ao atributo principal da substância pensante que, como sabemos, reduz-se à atividade ininterrupta do pensamento, de modo que lhe seria mais fácil acreditar que a alma deixaria de existir se deixasse de pensar. E, *mutatis mutandis*, o mesmo pode ser afirmado da substância extensa, pois, se uma porção da matéria perdesse sua extensão, isto é, suas dimensões tridimensionais, ela necessariamente deixaria de ser uma substância material. Isso nos leva a afirmar com Descartes que o atributo principal de uma substância é a própria substância, jamais podendo ser separado dela - valendo-nos dos termos de Etienne Gilson (1930), trata-se de um “atributo substancializado”.

Sem mais delongas, convidamos os leitores a um confronto direto com o texto do filósofo, do qual mais de três séculos nos separam, embora as teses ali discutidas sejam ainda objeto de acalorado debate até mesmo entre os mais experimentados comentadores de Descartes. Portanto, eis o texto!

* * *

DESCARTES AO PADRE GIBIEUF²

Endegeest, 19 de janeiro de 1642

[472]³

Senhor e Reverendo Padre,

Sempre senti o quanto apoiáveis o desejo que tenho de realizar algum progresso na busca da verdade, e me agrada extremamente o testemunho que me dais ainda por cartas. Sou também muito grato ao Reverendo Padre de la Barde por ter-se dado ao trabalho de examinar meus pensamentos de Metafísica e por ter-me feito o favor de os defender contra aqueles que me acusavam de pôr tudo em dúvida. [473] Ele tomou muito perfeitamente para si a minha intenção, e, se eu tivesse vários protetores tais como vós e ele, não duvidaria que meu partido se tornaria em breve o mais forte; porém, ainda que eu tenha pouquíssimos, não deixo de sentir muita satisfação pelo fato de serem os maiores homens e os melhores espíritos aqueles que mais admiram e apoiam as minhas opiniões. Deixo-me facilmente persuadir de que, se o

² Agradeço ao Professor Doutor XXXX por suas sutis e generosas contribuições no decorrer da feitura deste trabalho.

³ Paginação referente ao tomo III das *Ceuvres de Descartes*, édition Adam et Tannery (AT), texto do qual nos servimos para realizar (a maior parte d)a presente tradução.

Reverendo Padre de Gondran estivesse vivo, ele teria sido um dos principais; e, embora não faça muito tempo que o Sr. Arnauld tornou-se Doutor, não deixo de estimar mais o seu julgamento do que o de metade dos antigos [doutores da Sorbonne]. Minha esperança não era a de obter a aprovação coletiva deles: há muito tempo soube muito bem e previ que meus pensamentos não seriam do gosto da multidão e que onde prevalecesse a pluralidade das vozes eles seriam facilmente condenados. Também não desejei a aprovação dos particulares, porque eu ficaria constrangido se eles fizessem a meu respeito algo que pudesse ser desagradável aos olhos de seus pares, e também porque costuma-se obter [aprovação] tão facilmente para todos os livros que não são mais heréticos do que o meu, [474] que acreditei que o motivo pelo qual se poderia julgar que não a tenho não me seria desvantajoso. Contudo, isso não me impediu de oferecer minhas *Meditações* à vossa Faculdade a fim de as fazer tanto melhor examinar, e que, se aqueles [que pertencem] a um Corpo tão célebre não encontrassem justas razões para as repreender, isso poderia me assegurar das verdades que elas contêm.

No que concerne ao princípio pelo qual me parece que conheço que a ideia que tenho de alguma coisa *non redditur a me inadaequata per abstractionem intellectus*, eu o tiro apenas de meu próprio pensamento ou consciência. Pois, estando seguro de que não posso ter nenhum conhecimento daquilo que me é exterior a não ser por intermédio das ideias que tenho em mim, tomo o cuidado de não referir meus julgamentos imediatamente às coisas e de não atribuir a elas nada de positivo que eu não perceba antes em suas ideias; mas creio também que tudo o que se encontra nessas ideias está necessariamente nas coisas. Assim, para saber se minha ideia não se tornou não-completa ou *inadaequata* por alguma abstração de meu espírito, examino somente se a tirei não de alguma coisa fora de mim que seja mais completa, mas de alguma outra ideia mais ampla ou mais completa que eu

possua [475] em mim, e isso *per abstractionem intellectus*, isto é, desviando meu pensamento de uma parte daquilo que está compreendido nessa ideia mais ampla para aplicá-lo melhor e me tornar tanto mais atento à outra parte. Assim, quando considero uma figura sem pensar na substância nem na extensão da qual ela é figura, faço uma abstração de espírito que posso facilmente reconhecer depois, examinando se não tirei essa ideia que tenho da figura sozinha a partir de qualquer outra ideia mais ampla que eu tenha também em mim, à qual aquela esteja de tal modo unida que, embora possamos pensar em uma sem dispensar nenhuma atenção à outra, não podemos contudo negá-la dessa outra quando pensamos nas duas. Pois vejo claramente que a ideia da figura está unida à ideia da extensão e da substância, haja vista que é impossível que eu conceba uma figura negando que ela possua uma extensão, e tampouco uma extensão negando que ela seja a extensão de uma substância. Mas a ideia de uma substância extensa e figurada é completa porque eu posso concebê-la sozinha e negar dela todas as outras coisas das quais tenho ideias. Ora, parece-me muito claro que a ideia que tenho de uma substância que pensa é completa dessa [mesma] maneira e que não tenho nenhuma outra ideia que a preceda em meu espírito e que esteja de tal modo unida a ela que eu não as possa conceber negando [476] uma da outra; com efeito, se houvesse alguma [ideia] em mim que fosse tal, eu deveria necessariamente conhecê-la. Dir-se-á talvez que a dificuldade permanece, já que, embora eu conceba a alma e o corpo como duas substâncias que eu possa conceber uma sem a outra, e mesmo negando uma da outra, não estou seguro de que elas sejam tais como eu as concebo. Mas é preciso regressar à regra anteriormente estabelecida, a saber, que nós não podemos ter nenhum conhecimento das coisas a não ser por meio das ideias que nós concebemos sobre elas; e que, por conseguinte, só devemos julgar seguindo essas ideias, e que até mesmo devemos pensar que tudo o que repugna a essas

ideias é absolutamente impossível e implica contradição. Assim, não temos nenhuma razão para assegurar que não existe montanha sem vale a não ser porque vemos que suas ideias não podem ser completas quando as consideramos uma sem a outra, embora nós possamos, por abstração, ter a ideia de uma montanha [477], ou de um lugar que vai subindo de baixo para cima, sem considerar que podemos também descer do mesmo [lugar] de cima para baixo. Assim, podemos dizer que implica contradição que existam átomos, ou partes de matéria que tenham extensão e todavia sejam indivisíveis, porque não podemos ter a ideia de uma coisa extensa sem que possamos ter também a de sua metade, ou de sua terça [parte], e também, por conseguinte, sem que a concebamos divisível por 2 ou 3. Pois, somente pelo fato de considerar as duas metades de uma parte de matéria, por menor que ela possa ser, como duas substâncias completas e *quarum ideae non redduntur a me inadequatae per abstractionem intellectus*, concludo certamente que elas são realmente divisíveis. E, se me dissessem que, não obstante eu possa concebê-las [dessa maneira], nem por isso sei se Deus não as uniu ou juntou por um laço tão estreito que elas sejam inteiramente inseparáveis, e que, assim, eu não tenho razão de o negar; eu responderia que, por qualquer ligação que ele as possa ter unido, estou certo que ele pode também desuni-las, de maneira que, falando absolutamente, tenho razão de nomeá-las divisíveis [478], haja vista que ele me deu a faculdade de concebê-las como tais. Digo a mesma coisa da alma e do corpo e, geralmente, de todas as coisas das quais temos ideias diversas e completas, a saber, que implica contradição que elas sejam inseparáveis. Contudo, com isso não nego que possa haver na alma ou no corpo várias propriedades das quais eu não tenha nenhuma ideia; nego apenas que haja alguma [propriedade] que repugne às ideias que tenho da alma e do corpo e, dentre elas, àquela que possuo de sua distinção; pois, do contrário,

Deus seria enganador e nós não teríamos nenhuma regra para nos assegurar da verdade.

A razão pela qual creio que a alma pensa sempre é a mesma que me faz acreditar que a luz sempre brilha, ainda que não haja olhos que a observem; que o calor é sempre quente, ainda que ninguém se aqueça com ele; que o corpo, ou a substância extensa, possui sempre extensão; e que, em geral, o que constitui a natureza de uma coisa está sempre nela enquanto ela existe; de sorte que me seria mais fácil acreditar que a alma cessaria de existir quando se diz que ela cessa de pensar do que conceber que ela fosse/existisse sem pensamento. E não vejo nisso dificuldade alguma senão que julgamos supérfluo crer que ela pensa quando não nos resta [479] nenhuma lembrança posterior. Mas⁴ se considerarmos que todas as noites temos milhares de pensamentos, e que mesmo em vigília, passada uma hora, temos outros milhares dos quais não nos resta nenhum traço na memória e cuja utilidade não vemos melhor do que a daqueles que podemos ter tido antes de nascer, então teremos bem menos dificuldade em nos persuadir disso do que em julgar que uma substância cuja natureza é pensar possa existir e todavia não pensar.

Também não vejo nenhuma dificuldade em entender que as faculdades de imaginar e de sentir pertencem à alma,

⁴ Esta frase não existe nas *Cœuvres de Descartes* editadas por C. Adam et P. Tannery (AT). Trata-se de um acréscimo feito por Ferdinand Alquié em sua apresentação das obras filosóficas de Descartes publicadas pelas *Éditions Garnier Frères*, que se encontra à página 909 do tomo II, obra da qual nos valem para melhor traduzimos a presente carta. Segue, *ipsis litteris*, o trecho a que nos referimos: “*Mais si on considère que nous avéons toutes lei nuits mille pensées, et même en veillant que nous en avons eu mille depuis une heure, dont il ne nous reste plus aucune trace en la mémoire, et dont nous ne voyons pas mieux l'utilité, que de celles que nous pouvons avoir eues avant que de naître, on aura bien moins de peine à se le persuader qu'à juger qu'une substance dont la nature est de penser puisse exister, et toutefois ne penser point.*”

porque elas são espécies de pensamentos; todavia, elas pertencem à alma apenas enquanto ela está unida ao corpo, porque são tipos de pensamentos sem os quais podemos conceber a alma inteiramente pura.

No que diz respeito aos animais, observamos neles movimentos semelhantes àqueles que se seguem de nossas imaginações ou sentimentos, mas nem por isso [observamos neles] imaginações ou sentimentos. Ao contrário, podendo esses mesmos movimentos também ser realizados sem imaginação, temos razões que provam que se fazem dessa maneira [nos animais], como espero mostrar claramente descrevendo em pormenor toda a arquitetura de seus membros e as causas de seus movimentos.

[480] Mas temo que eu já vos tenha entediado pelo fato desta carta ser longa; ficarei muito feliz se continuardes [a conceder-me] a honra de vossa benevolência e o favor de vossa proteção, como àquele que é, etc.

* * *

Referências

Descartes au P. Gibieuf - 19 janvier 1642. In: *Oeuvres de Descartes*. Vol. III - Correspondance. Organizado por Charles Adam & Paul Tannery. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, pp. 472-480, 1996 (AT III 472-480).

DESCARTES. *Oeuvres philosophiques (1638-1642)* - Tome II. Textes établis présentés et annotés par Ferdinand Alquié. Paris: Garnier Frères, 1967.

GILSON, E. *Texte e Commentaire (Discours de la Méthode)*. Paris: Vrin, 1930.

(Submissão: 13/02/23. Aceite: 02/03/23)